

A Tarde dum Fauno

Écloga

O FAUNO

Quero perpetuar essas ninfas.

As suas claras
e leves carnações, a sua dança aérea
entre os novelos do sono.

Foi um sonho que amei?
No âmago da noite mais antiga, vi duvidosas
ânsias desfeitas em ramagens subtis
dum bosque obstinado
que sabe que sou eu, só eu, a oferta solitária
ao triunfo da culpa ideal das rosas.
Reflecte...

será que essas mulheres por ti cantadas
habitaram a fábula dos teus sentidos?

Faune, l'illusion s'échappe des yeux bleus
 Et froids, comme une source en pleurs, de la plus chaste:
 Mais, l'autre tout soupirs, dis-tu qu'elle contraste
 Comme brise du jour chaude dans ta toison!
 Que non! par l'immobile et lasse pâmoison
 Suffoquant de chaleurs le matin frais s'il lutte,
 Ne murmure point d'eau que ne verse ma flûte
 Au bosquet arrosé d'accords; et le seul vent
 Hors des deux tuyaux prompt à s'exhaler avant
 Qu'il disperse le son dans une pluie aride,
 C'est, à l'horizon pas remué d'une ride,
 Le visible et serein souffle artificiel
 De l'inspiration, qui regagne le ciel.

O bords siciliens d'un calme marécage
 Qu'à l'envi des soleils ma vanité saccage,
 Tacite sous les fleurs d'étincelles, CONTEZ
*«Que je coupais ici les creux roseaux domptés
 «Par le talent; quand, sur l'or glauque de lointaines
 «Verdures dédiant leur vigne à des fontaines,
 «Ondoie une blancheur animale au repos:
 «Et qu'au prélude lent où naissent les pipeaux
 «Ce vol de cygnes, non! de naïades se sauve
 «Ou plonge...»*

Inerte, tout brûle dans l'heure fauve
 Sans marquer par quel art ensemble détala
 Trop d'hymen souhaité de qui cherche le *la*:

Cuidado, Fauno, mesmo naquela que exhibe mais decoro
a ilusão salta dos seus olhos azuis
e frios, como fonte do choro.

E a outra, suspirosa, dizes, é o seu contraste
e como a brisa no dia mais ardente
percorre o pêlo encrespado do teu corpo.

Se o fresco matinal só deseja vencer
toda essa lassidão imóvel de calores sufocantes
não há murmúrio de água que não seja
o som da minha flauta a derramar acordes
líquidos sobre o arvoredo.

E depois o vento. Solto dos dois tubos,
impedindo o som de se dispersar
numa chuva árida,
e que é no horizonte, sem rugas que o perturbem,
esse sopro visível, sereno, artificial
da inspiração celeste.

Ó margens sicilianas de pantanosas calmias
que a minha vaidade devasta na busca de mais sóis
tacitamente, sob flores cintilantes, CONTAI
*«Aqui foi o lugar em que colhi os flébeis juncos
e os dominei pelo talento; quando sobre o ouro glauco
de longínquos verdes que enaltecem o vinho
das nascentes,
ondula uma brancura de animal em repouso.
E no lento prelúdio onde nascem as flautas,
esse voo de cisnes, não, de náíades,
se ergeu. Ou mergulhou...»*

Inerte, tudo arde nesta hora fulva
sem deixar vestígio dessa arte combinada
que recolheu o hímen sonhado
por quem busca o outro lado das coisas:

Alors m'éveillerai-je à la ferveur première,
Droit et seul, sous un flot antique de lumière,
Lys! et l'un de vous tous pour l'ingénuité.

Autre que ce doux rien par leur lèvres ébruité,
Le baiser, qui tout bas des perfides assure,
Mon sein, vierge de preuve, atteste une morsure
Mystérieuse, due à quelque auguste dent;
Mais, bast! arcane tel élu pour confident
Le jonc vaste et jumeau dont sous l'azur on joue:
Qui, détournant à soi le trouble de la joue,
Rêve, dans un solo long, que nous amusions
La beauté d'alentour par des confusions
Fausses entre elle-même et notre chant crédule;
Et de faire aussi haut que l'amour se module
Évanouir du songe ordinaire de dos
Ou de flanc pur suivis avec mes regards clos,
Une sonore, vaine et monotone ligne.

Tâche donc, instrument des fuites, ô maligne
Syrinx, de reflourir aux lacs où tu m'attends!
Moi, de ma rumeur fier, je vais parler longtemps
Des déesses; et par d'idolâtres peintures,
A leur ombre enlever encore des ceintures:
Ainsi, quand des raisins j'ai sucé la clarté,
Pour bannir un regret par ma feinte écarté,
Rieur, j'élève au ciel d'été la grappe vide
Et, soufflant dans ses peaux lumineuses, avide
D'ivresse, jusqu'au soir je regarde au travers.

O nymphes, regonflons des SOUVENIRS divers.
*«Mon œil, trouant les joncs, dardait chaque encolure
«Immortelle, qui noie en l'onde sa brûlure
«Avec un cri de rage au ciel de la forêt;*

Então despertarei com os primeiros fervores,
direito e só, sob uma onda ancestral de luz,
Lys, e sou um de vós, o néscio feliz.

Algo diverso desse doce nada propalado por lábios,
um beijo que baixinho as pérfidas sussurram
no meu peito, virgem, atesta uma marca
misteriosa deixada por algum augusto dente;
Silêncio. Um tal arcano elege por confidente
o junco vasto e gémeo sob o azul do qual rejubilamos:
e ocultando em si todo o tremor do rosto
sonha, num longo solo, que desfrutávamos
a beleza em redor nas falsas confusões
entre ela e a credulidade desse canto;
E é nesses altos feitos que o amor se modula
no desvanecer dum sonho vulgar de costas
ou de puros flancos seguidos pelo meu olhar
fechado na sonora, vã, monótona linha.

O teu dever, instrumento de fugas, ó maligna
flauta, é de florescer nos lagos onde tu me esperas.
Eu, orgulhoso do meu som, continuarei a falar
das deusas; e através de idólatras pinturas
a enlaçar na sombra as mais finas cinturas:
E depois de haver sugado a claridade das uvas
para esquecer algum desgosto oculto entre os meus jogos,
risonho, erguerei aos céus o cacho consumado,
soprando nas suas peles luminosas, ávido
e ébrio, olharei de soslaio até que chegue a noite.

Ó ninfas, saibamos ampliar as diversas LEMBRANÇAS.
*«O meu olhar, atravessando os juncos, atingia os ombros
imortais que afogavam nas ondas a sua queimadura
como um grito de raiva erguido aos céus do bosque;*